A MORTE EM TEMPOS DE APOCALIPSES

Josimar Azevedo

O fim do segundo milênio e a iminência da morte

A aproximação do final de milênio, do ano 2000, está despertando nas pessoas ansiedades, apreensões e medos. Cresce o interesse por obras visionárias sobre o "final dos tempos" ou os "últimos dias". Neste sentido, tem havido um contínuo interesse pelos antigos apocalipses judaico e cristão, obras que dão solenes garantias de que grandes dias virão para os fiéis, dias que ainda não chegaram.

Numa época conturbada, e a nossa por certo o é, esses escritos despertam interesse por propor soluções para os problemas que são mais abruptas, mais dramáticas e mais violentas.

Determinadas "profecias" e "perspectivas", como as do livro do Apocalipse, têm contribuído para este estado de apreensão atual.

No entanto, é o próprio *tempo* que contém tal caráter perturbador, porque nos lembra de nossa fragilidade, de nossos limites. O *tempo* nos consome fisicamente e nos aproxima da realidade inevitável da morte.

O que nos interessa nesta reflexão é saber qual a relação desta fiel companheira da humanidade, a morte, no contexto da sociedade atual, com a perspectiva do livro do Apocalipse. Existe uma saída apocalíptica alternativa a este destino certo? Como alcançá-la? Tais perguntas se colocam no centro do interesse deste artigo, que tentará refleti-la em três pontos: 1) A morte no cenário da sociedade atual; 2) As ameaças apocalípticas e a teologia de um Deus vingativo; 3) A perspectiva apocalíptica da morte; 4) Os mistérios que a morte esconde.

1 – A morte no cenário da sociedade atual

A *experiência da morte* é uma realidade que nos atinge a todos, todos os dias, seja através dos noticiários, especialistas em exibir tragédias humanas; através da morte de nossos parentes e amigos; seja nos momentos em que nós mesmos nos sentimos ameaçados pela doença, insegurança ou velhice.

> *"Por que tantas vidas reduzidas ou ceifadas no próprio momento em que estavam para frutificar? Por que tantas doenças mortais e não merecidas? Por que a humanidade, apesar dos progressos e das técnicas, recai sempre nas mesmas injustiças, nos mesmos crimes? Esta ameaça da morte, presença brutal e 'pontual', gera uma psicose planetária. No*

momento em que conhece a embriaguez do progresso, o homem está triste, tem medo. Será talvez verdade que esteja trabalhando para sua destruição? É ele um ser para a morte ou para a vida? Diante do pesadelo e do escândalo que é a morte, muitos se refugiam no esquecimento: divertem-se, atordoam-se, drogam-se e morrem disto"[1].

Surpreendentemente a morte nos furta tudo e todos, envolvendo-nos e dominando-nos em seu mistério. Sem entender, homens e mulheres resistem ao seu domínio, numa batalha perdida, definida pela vitória da morte. Uma realidade natural e inevitável.

É a própria biologia, a ciência da vida, que se encarrega de nos lembrar que sem a morte algumas bactérias seriam capazes de inundar toda a terra em poucas horas e alguns mamíferos em poucos dias. A morte é parte constituinte da condição humana. Entretanto, para a consciência humana, a morte é algo violento, catastrófico, antinatural[2]. Tal consciência da morte faz com que homem e mulher sintam a caducidade da vida e a fragilidade de sua condição. É a dor de saber que a sua vida é um sopro, uma sombra, um nada, que está submetida às leis da morte[3].

Cada cultura e cada época histórica tem o seu modo próprio de enfrentar a morte e cultuá-la. Geralmente a forma de religião tem determinado a forma da vivência da morte. Algumas mais humanizantes pessoal e comunitariamente, outras paralisadas na tristeza e na tragédia.

Contudo, em nossa época a nossa sociedade tem transformado a morte, uma realidade aceitável no passado, em tabu. O que era uma cerimônia religiosa pública e organizada – com a participação ativa do próprio moribundo e acompanhada ritualmente por parentes, amigos e vizinhos, envolvendo a todos (homens, mulheres e crianças) num momento privilegiado de reconciliação – transformou-se, nos últimos 40 anos, num fenômeno que tem chocado os observadores sociais: acontecimento vergonhoso e objeto de interdição[4].

Nossa sociedade atual tem criado um complexo ritual de negação da morte. Todos aqueles que cercam o moribundo tendem a poupá-lo e a ocultar-lhe a gravidade de seu estado. A verdade de sua morte torna-se um problema, bem como o próprio moribundo. O lugar da morte, já não mais a casa, é o hospital e o morrer é visto como um fenômeno técnico causado pela deficiência da medicina ou dos donos da morte, os médicos. A emoção e o luto dão lugar à comoção às escondidas e ao afastamento das crianças. A morte torna-se interdita, escamoteada. As pessoas morrem na ignorância de sua própria morte.

1. LATOURELLE, R. e FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental.* Petrópolis, Vozes, 1994, p. 672.
2. Cf. IDÍGORAS, J.L. *Vocabulário teológico para a América Latina.* São Paulo, Paulinas, 1983, p. 299.
3. Cf. SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. *Dicionário Enciclopédico das Religiões* (vol. II K-Z). Petrópolis, Vozes, 1995, p. 1813.
4. Cf. PESSINI, Leocir. *Eutanásia e América Latina. Questões ético-teológicas.* Col. Teologia Moral na América Latina 6. Aparecida – SP, Santuário, 1990, p. 22-23.

As mortes das quais os jornais e os meios de comunicação nos falam a todo instante apresentam-se como meras fotografias de realidades excepcionais, incapazes de nos perturbar. O morto é um desconhecido, um anônimo, um estranho, um ele; não nos atinge diretamente. São mortes na terceira pessoa do singular, objetos sem nenhuma característica própria, iguais aos outros. Sobre a morte então se pode falar, por ela estar transformada, desprovida de conteúdo, negada[5]. Não é a morte!

A sociedade moderna tenta ocultar e neutralizar a morte pelo silêncio ou pelo excesso de palavras. Nessa tentativa, todas as mortes são entendidas como *acidentes de percurso*, perfeitamente evitáveis, exigindo apenas um pouco mais de cuidado. A ênfase é posta na possibilidade de sua superação, sem nenhuma referência ao seu mistério inevitável. Ou então, de maneira cínica, a morte é negada através de tentativas de rejuvenescimento (*pitanguismo*) e dedicação exclusiva ao prazer e poder cotidianos.

Quando ela aparece na sua face verdadeira de realidade tão humana como o nascimento, tão certa como a presente vida, tão inevitável como o passar dos dias, instaura-se o pânico. E os registros psicossociais entram em funcionamento para ocultá-la. O corpo morto desaparece o mais rápido possível do âmbito familiar, se é que, em algum momento, esteve nele. O velório assume, não raramente, o ar de evento social, os cemitérios vão assumindo a forma de parques. Os agentes das funerárias especializam-se, até com cursos superiores de engenharia mortuária, em criar recursos acústicos, decorativos, maquiagem e estética para tornar a cena o menos fúnebre possível[6].

A sacralidade da morte, envolvida no mistério da vontade de Deus, que caracterizou nossa sociedade até pouco tempo atrás, dá lugar ao conceito de *morte natural*, que encontra no homem moderno, cientista, o novo *deus* capaz de manipular a morte, seja para antecipá-la (eutanásia), seja para tentar prorrogá-la (longevidade), façanha que as ciências médicas[7] têm-se proposto, sem muito sucesso. Hoje, com tantos conhecimentos e tecnologias à disposição, pode-se perfeitamente escolher o dia para nascer e para morrer. Passamos da fase de uma medicina mais humana e menos científica, para uma mais científica e menos humana.

5. Cf. RODRIGUES, J.C. *Tabu da morte*, Achiamé, Rio de Janeiro, 1983, p. 229-230. Citado em: *Ibid.*, p. 24.
6. LIBÂNIO, J.B. e OLIVEIRA, Pedro R.F. de., *A vida e a morte. Desafios e mistérios.* São Paulo, Paulinas, 1993, p. 63.
7. O empenho da medicina em impedir ou retardar a morte é conseqüência lógica de seu legítimo esforço em lutar a favor da vida; por outro lado, a morte pode ser encarada como resultado normal de um ciclo evolutivo que começa desde o nascimento, a seqüência natural do nascimento. Neste caso, como ciência biológica, a medicina é a mais idônea para saber que morrer é algo conatural a todo organismo biológico, que a morte faz parte da própria natureza da vida biológica, que não é um acidente que acontece à vida, que ela é o acabamento natural da vida, bem como sua essência, que trata-se de um momento decisivo que o homem tem de viver o mais humanamente possível. Neste sentido, é seu compromisso ético humanizar a morte, tornando-a um ato consciente e de liberdade para o agonizante e seus parentes. Cf. PESSINI, Leocir. *Eutanásia e América Latina. Questões ético-teológicas.* Col. Teologia Moral na América Latina 6. Aparecida, SP, Santuário, 1990, p. 50-51.

Com a separação corpo-alma, onde a dignidade do ser passa a residir na alma e a morte passa a ser vista como o instante em que o espírito abandona o corpo, o corpo humano passa a ser compreendido como mero objeto. O corpo, enquanto corpo, se transforma em algo desprovido de dignidade, o cadáver se transforma em coisa, refugo. O corpo deixa de ser algo sagrado e torna-se um mero número estatístico, objeto de estudo, pesquisa, passível de qualquer tipo de manipulação, exploração, em nome do avanço da técnica e do progresso.[8]

Assim, a nossa sociedade capitalista e neocapitalista matou a morte silenciando-a, reduzindo-a a um acontecimento pobre, privado de sentido, angustiante, cercado de tabus, e serve-se ainda deste silêncio para dissimular a desigualdade fundamental dos homens diante da morte.

A atitude de nossa sociedade diante da morte revela a maneira como conduzimos nossa vida. O mito da *igualdade de todos perante a morte* mascara o sistema de desigualdades que ela favorece. A desigualdade diante da vida mais do que nunca determinará a desigualdade diante da morte.

> *"Há uma incompatibilidade absoluta entre os valores da economia industrial e a aceitação da morte. A morte nega a idéia de acumulação de bens, que diante dela deixa de ter sentido. A morte questiona radicalmente as ideologias da eficácia e da competência e ridiculariza a competição social"*[9].

> *"Banida, produzida, administrada, a morte é o grande paradoxo de uma sociedade que pretende divinizar a vida. Este paradoxo é talvez a mais fundamental explicação desta sociedade: não é à toa que a sociedade que mais cuida da segurança, da higiene e do banimento da morte, a sociedade norte-americana, seja também a mais mortífera de que se tem notícia"*[10].

Contudo, poderíamos perguntar: *só é o homem quem sabe o que sejam a vida e a morte?* Ou ainda: *todos os homens sabem o que seja a vida e o que seja a morte?* Mais: *que haverá de mais terrível do que não saber se se está morto ou vivo? "Quem sabe"* – diz Eurípedes – *"talvez a vida seja a morte, e a morte a vida"*[11].

> *"Muitos contemporâneos têm descrito a morte como o absurdo máximo da vida. Para* ***J.P. Sartre****, a morte é ruptura, fratura, limite, queda no vazio. Longe de dar um sentido à vida, tira-lhe todo significado. A morte, como o nascimento, é inesperada e absurda. Nascemos sem motivo e, como se isto não bastasse, morremos por acaso. A morte tira ao homem a liberdade e aniquila todas as possibilidades de realização. Atira-nos como presa aos vivos, à mercê de seus juízos. Para* ***A. Camus****, no centro da vida está o homem, com sua vida absurda, destituída de sentido, cheia de dor e limitada pela morte. (...) A vida tem a primeira palavra, mas a morte sempre tem a última. Milhões de suicídios cada ano tiram a mesma conclusão: a vida não tem sentido, é absurda, é melhor suprimi-la"*[12].

E no entanto, embora sintamos repugnância e medo em falar da morte, é preciso falar dela, pois a vida tem o sentido que dermos à morte. Se a morte existir em função da vida, podemos ter esperança. Mas se a vida tem que acabar num naufrágio total – das pessoas e das coisas – neste caso a própria vida não tem sentido, pois não desemboca em nada.

Contudo, nos cabe afirmar que por trás desta negação da morte está o medo, o medo de morrer, o medo da morte; e perguntar: por que tanto medo da morte? Se é verdade que geralmente a forma de religião tem determinado a forma da vivência da morte, em que sentido nossa religião cristã contribuiu para esta atitude diante da morte? Em que sentido ela pode ajudar a superar tal situação?

2 – As ameaças apocalípticas e a teologia de um Deus vingativo

Nas primeiras páginas do Gênesis está contido um primeiro e antigo ensinamento da Igreja, que confunde mais que ilumina: *"Só não podes comer da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal. No dia em que dela comeres, ficarás sujeito à pena de morte"* (Gn 2,17). O primeiro homem comeu desse fruto proibido e pesou-lhe a sentença: *"és pó, e em pó te tornarás"* (Gn 3,19). O Concílio de Cartago (418) definiu definitivamente para a história do cristianismo, a partir de Santo Agostinho, que a morte entrou no mundo pelo pecado. Estava unido o binômio pecado-morte.

Susin nos lembra que, em um de seus sentidos, *"a morte humana é sempre 'kénosis', esvaziamento, humilhação, impotência, derrota decretada apesar de toda luta. É um assalto e um total empobrecimento e desnudamento da pessoa enquanto pessoa. É no nível pessoal e não biológico que a morte pode ser experimentada como castigo ou 'salário do pecado', como um mal que não deveria estar na ordem da existência, e mal radical porque atinge a vida globalmente. Se a riqueza e o sentido básico do homem é a vida, a morte é a falta e a queda absoluta, princípio do absurdo"*[13]. Desta forma, morte e mal são percebidos e vividos como algo intrínseco um ao outro: toda morte é mal e todo mal é morte.

De fato, segundo Renold Blank, a expectativa da morte não é marcada pela confiança, e sim, na maioria das vezes, pelo medo, medo de ser condenado. Pesquisas

8. Cf. *Ibid.*, p. 27-28.

9. *Ibid.*, p. 30.

10. RODRIGUES, J.C. *Tabu da morte*, p. 285. Citado em: *Loc. cit.*

11. Cf. CHESTOV, Leão. *As revelações da morte*. Lisboa, Círculo do humanismo cristão, Livraria Morais Editora, 1960, p. 17.

12. LATOURELLE, R. e FISICHELLA, Rino. *Dicionário de Teologia Fundamental*, p. 671-672.

13. SUSIN, Luiz Carlos. *Assim na terra como no céu. Brevilóquio sobre Escatologia e Criação*. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 83-84.

feitas por este autor, entre 1991-93, em São Paulo, revelaram que a existência de medo nos cristãos, de maneira especial nos católicos, não é mera suposição. Eis os dados:

– Declararam ter medo de ser condenados: 40% da população de baixa renda.

– Declararam que todos ou quase todos os seres humanos eram condenados ao Inferno: 5,25% dos que praticam muito bem a sua religião (católica).

– Declararam que Deus condenaria muitos ou, na melhor das hipóteses, poucos para o Inferno: 26% daqueles que praticam muito bem a sua religião[14].

Segundo Blank, está praticamente sempre abaixo de 50% o número de cristãos que declaram com sinceridade não ter medo nenhum, acrescida do dado que 45% das pessoas mais humildes declararam ter medo de serem condenadas ao Inferno.

Tal situação, por sua vez, para Blank, está vinculada a uma evangelização baseada em uma mensagem de ameaça, na qual se acentua o medo perante Deus. Um medo por causa dos próprios pecados e das conseqüências nefastas que esses pecados podem trazer: Deus poderia condenar!

Todas as pessoas que indicaram ter medo da morte alegaram ter medo por causa de motivos religiosos. São estes dados, por sua vez, que confirmam a correlação entre o medo constatado e a prática da religião.

Por detrás dessa atitude está uma imagem de Deus (tirânico, legalista) e uma teologia de punição que inspira medo.

Para René Girard, não raro desenvolve-se uma devoção mórbida em torno do próprio martírio de Jesus entendido como o sacrifício do Filho de Deus Encarnado, exaltando, desta forma, a imagem de um Deus que exige sangue, o sangue de uma vítima, para limpar as manchas causadas pelo pecado. De fato, analisa Girard, certas interpretações da expiação que abre aos pecadores o acesso ao trono de Deus nos apresentam uma imagem violenta de Deus que não perdoa livremente, mas exige a morte do pecador ou de um substituto aceitável[15].

Daí, segundo Girard, decorre uma pregação da salvação motivada no temor ao inferno, um inferno que geralmente não se concebe como o resultado da soberba do demônio, mas como a indignação de um Deus soberano que se sente ofendido pelos delitos da humanidade e que por isso se torna violento.[16]

14. BLANK, Renold J. *Não tenham medo, nós vamos ressuscitar*. In: REVISTA DE CULTURA TEOLÓGICA. Ano 3, abr/jun 1993, p. 45-72.

15. "O que provocou este reexame das expressões bíblicas sobre os sacrifícios foi uma interpretação teologicamente perigosa dos sacrifícios. Segundo esta interpretação, o assassinato de Jesus ocorreu não tanto devido à prepotência de homens ocupando lugares de autoridade, como devido à vontade de Deus, segundo a qual a satisfação só poderia ser feita através do sangue de seu Filho. Este argumento foi magistralmente elaborado por Santo Anselmo em *Cur deus homo*. Neste estudo ele transfere o valor salvífico do martírio de Jesus do mundo público para o mundo religioso, onde pode ser manipulado mediante mistificações". *René Girard com teólogos da libertação*, Petrópolis, Vozes, 1991, p. 218.

16. *René Girard com teólogos da libertação*, p. 190.

Desta forma, desenvolveu-se amplamente, por muito tempo, um anúncio em favor da violência divina, capaz de enclausurar as pessoas nas entranhas do medo.

Entre as causas desta fobia atual da morte, destaca-se sobretudo a problemática da literatura apocalíptica, que, mesmo tendo sido um meio para manter a esperança em situações desesperadas, tem sido interpretada, em suas imagens, como um forte potencial ameaçador. Quanto menos suas imagens têm sido compreendidas como imagens, tanto mais tal potencial tem-se tornado ativo. Eis nossa questão a seguir.

3 – A perspectiva apocalíptica da morte

O Ocidente no início da época moderna estava inundado por ameaças apocalípticas de um Fim do Mundo, expectativas de holocausto, acompanhadas da imagem de um deus vingativo, que pune o pecador. Como pudemos constatar, esta mentalidade tomou conta do imaginário religioso de nossa sociedade atual[17].

A segunda vinda do Senhor e o Juízo final são descritos com imagens aterrorizantes. A isso se acrescenta a constante menção da possibilidade de uma morte eterna, ligada a imagens de um "dia de terror", quando o Senhor virá para julgar os vivos e os mortos. O dia deste julgamento é apresentado como "um dia de desgraça" e "um dia de ira", de tal maneira que o grande acontecimento da segunda vinda do Senhor, que para a Igreja primitiva era um evento esperado com alegria e amor, foi transformado em um acontecimento horripilante.

Toda literatura religiosa apocalíptica, especialmente o Apocalipse do NT, foram usados para ameaçar e incutir medos, como pedagogia para a conversão dos pecadores. Só que, em vez de alcançar a sua meta, eles criaram um ambiente de medo inconsciente, interiorizado por gerações de cristãos[18].

É próprio do gênero "apocalíptico" a revelação de desastres, bem como a afirmação da esperança, pouco acentuada em nosso contexto. A literatura apocalíptica costuma tomar a forma de relato de uma visão experimentada pelo autor da obra. A visão geralmente consiste em imagens concretas que representam o sentido pretendido por meio de uma alegoria vívida e, em geral, fantástica; por exemplo, na representação da derrubada de um governante por outro, a visão pode muito bem retratar uma besta mítica atacando outra. As personagens passam facilmente do céu para a terra, e vice-versa (e vão, por vezes, ao inferno), e penetram o reino em que os anjos combatem entre si e onde imensos exércitos terrenos são esmagados pela força divina. Não é nada simples derivar o sentido abstrato de uma coisa apresentada de uma maneira amplamente visual. O que, afinal, se vai fazer com uma visão em que um bode aparece com um chifre que se quebra e é substituído por quatro, nascendo de um deles um pequeno chifre que arrasa exércitos e estrelas? Não admira que o homem Daniel não possa entender isso enquanto não aparece um anjo para explicá-lo (Dn 8,19s)[19]. É esta

17. Cf. BLANK, *op. cit.*, p. 63.

18. Cf. *Ibid.*, p. 64.

19. Cf. GABE, John B. e WHEELER, Charles B. *A Bíblia como literatura*. São Paulo, Loyola, 1993, p. 125.

linguagem apocalíptica com suas imagens que tem causado tantas incompreensões e transtornos no que se refere ao destino último das pessoas e do mundo.

Em sentido religioso, a palavra "apocalipse" refere-se comumente a relatos literários judaicos, cristãos e gnósticos de "revelações" (apocalipses) atribuídos a um profeta ou escritor. Alguns deles dizem respeito à esperança de uma irrupção divina no presente estado de coisas, que está à beira da catástrofe. Ligado a ela há o desejo de um reino divino onde Deus dominará como rei.

Desta forma, o livro do Apocalipse faz uso da maioria das características-padrão desse gênero literário e foi escrito pela mesma razão que gerou outros apocalipses: o autor[20] acreditava que a sua época era a pior época possível[21] e, portanto, certamente a dos últimos dias; por conseguinte, era preciso encorajar os fiéis a perseverar nessa época ruim, porque a sua libertação cedo viria. A experiência nos diz que se enganaram nas suas previsões catastróficas; contudo, continuamos supondo que os nossos dias são os piores dias e que o apocalipse foi escrito para se aplicar à nossa situação[22].

Contrariamente a outros apocalipses, o *Apocalipse do NT* não se dirige em tom misterioso a um círculo esotérico de leitores, comunicando-lhes algum conhecimento secreto com relação ao fim do mundo (p. ex. segredos de ordem cosmológica ou astrológica). O autor dirige-se explicitamente às sete igrejas da Ásia que representam a igreja universal: seu livro deve ser lido publicamente nas igrejas (1,3.4; 22,16.18). Seu autor ocupa-se em primeiro lugar com a atualidade da comunidade de Deus que ele quer confortar e advertir.

O caráter literário do Ap é decisivo para sua interpretação. A pergunta fundamental que deve orientar sua leitura é: *"que quis o autor comunicar aos seus contemporâneos?"* A questão do valor atual do livro para o cristão de hoje só pode ser respondida depois de se ter examinado a fundo seu significado para seus contemporâneos.

O Ap é um documento de resistência espiritual para a igreja, no momento em que ela vai tornar-se a igreja dos mártires. Foi um livro atual, pois os sinais dos tempos eram patentes (em 64 a explosão sob Nero em Roma; Antipas, a "testemunha fiel", 2,13; medidas punitivas contra cristãos sob Domiciano) e ao mesmo tempo foi profético, pois as perseguições sistemáticas só se dariam mais tarde. O autor do Apocalipse diagnosticou os conflitos e as tendências que seu presente apresentava como inevitáveis: tendências anticristãs ainda latentes no Império Romano com o seu crescente absolutismo estatal e sua divinização do imperador; o conflito entre Roma

20. A autoria do Apocalipse, classicamente, é atribuída a João, autor do IV evangelho, mas não sem controvérsias. Veja sobre essa problemática: BORN, A. Van Den (Org.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Petrópolis, Vozes, 1987, p. 801-802.

21. A datação do Apocalipse geralmente está situada entre 90 e 96, contudo são muitas as controvérsias. Veja sobre esta questão: BORN, A. Van Den (Org.). *Op. cit.*, p. 802.

22. Cf. GABE, John B. e WHEELER, Charles B. *Op. cit.*, p. 128.

e a Igreja apresentando-o no seu sentido escatológico, definitivo como o conflito entre Deus e o poder antidivino, satânico. O Ap, portanto, é um livro profético que vê no presente e no passado a obra salvífica de Deus executada e na base desse presente cheio de esperança abre uma perspectiva para o futuro, dando assim conforto e consolação aos que ainda têm de viver debaixo da opressão[23].

> *"No centro do Ap está Cristo – ou Jesus, como é chamado aqui de preferência – como o Senhor ressuscitado e glorificado. Embora o Ap não ignore a sua situação terrestre (nascimento do messias 12,5; a morte redentora pelo sangue 1,5; 7,4; 12,11), é a glorificação que é colocada no centro: 'Eu estive morto e eis que vivo pelos séculos dos séculos' (1,18). Esse 'estar vivo' de Jesus exprime-se em diversas imagens: primogênito dos mortos (1,5), o primeiro e último (1,18), o vivo (1,18), o cordeiro (29 vezes) que é apresentado como tendo sido morto (mas agora está vivo), para indicar a continuidade entre a consumação da vida terrestre de Jesus e a sua glorificação. Por causa de sua glorificação (3,21; 5,5; 17,14; cf. 1,7) – que o Ap chama de preferência 'vitória' – Jesus é o Senhor da igreja (1,12-16), o Senhor e o Juiz do mundo (1,5; 11,15; 12,5; 14,15-20; 19,15-16), e mesmo a origem da criação de Deus (3,14). Contudo, Ele não vive e reina numa glória desligada do tempo; Ele é o Senhor da história: só Ele pode revelar os desígnios de Deus (5,5; 6,1s) e põe em movimento os acontecimentos escatológicos. E não acompanha esses acontecimentos em grande distância; Ele mesmo luta, chefiando os seus sequazes (19,11-21), decidindo a luta pela sua palavra (19,13.21; cf. 1,16; 12,11). O Ap testemunha a presença dinâmica de Jesus na história da Igreja e do mundo. Graças à sua vitória, a Igreja não precisa temer a luta contra os poderes antidivinos (presentes e simbolizados no absolutismo estatal romano). Ele conduzirá os seus para a consumação definitiva (22,12-14), a qual (porque Jesus não é apenas mestre moral e exemplo, mas sobretudo o primeiro da nova criação de Deus: 1,5) será também a consumação de toda a realidade criada (21,1-5). Todo o Ap está penetrado pela idéia da importância universal de Cristo para o mundo e a história. Ele não apenas está ligado com os seus fiéis individualmente (2,17; 3,5.12.21), mas por ter dado à história um impulso definitivo, pela sua morte e ressurreição, Ele é o princípio da consumação final de céu e terra, mundo e igreja. Essa mensagem da fé, o cristão deve aceitá-la, então há de participar desde já da vitória de Jesus, no meio das perseguições"*[24].

23. Cf. BORN, A. Van Den (Org.). *Op. cit.*, p. 799-800.

24. *Ibid.*, p. 802-803.

Neste sentido, a imagem de Deus correspondente ao Apocalipse não é de um deus violento, 'justiceiro', ameaçador, mas sim do Deus de Jesus Cristo, aquele que faz os ossos ressequidos recobrarem a esperança e a vida.

A própria morte, iluminada pela morte de Jesus, é apresentada como um acontecimento positivo capaz de dar sentido a toda a vida: *"Felizes os mortos, os que desde agora morrem no Senhor"* (Ap 14,13).

4 – Os mistérios que a morte esconde

Em verdade, as proposições a respeito da morte, que o Apocalipse ensina, em consonância com toda a tradição bíblica, podem ser apresentadas desta forma:

a) A morte é o fim da vida (Ap 2,10; 12,11). *"Ela confisca para si toda a positividade: rompe o modo de nossa ligação com o mundo, corta-nos dos entes queridos e cinde-nos do corpo que amamos. Ela é dolorosa e triste como o fim de festa ou o derradeiro aceno de um encontro"*[25]. Ela indica o fim de um processo biológico e temporal, mas também o ápice de um processo de constituição da identidade de uma pessoa, seu *eu definitivo*. Por isso ela é também nascimento, pois a vida da pessoa com sua interioridade consciente não se consome com a vida biológica, mas penetra o mundo de forma mais radical e universal e se projeta em direção ao infinito.

b) A morte, como realidade autônoma, é a negação da vida verdadeira que Deus quer, é um poder maligno a serviço do mundo das trevas, é uma força maléfica que penetra toda a vida de todas as pessoas (Ap 1,18; 6,8a; 20,13s, 21,4), mas que só é definitiva quando lhe segue a segunda morte, a morte escatológica, a condenação (Ap 2,11; 17,8.11; 20,6.14b; 21,8). Só esta deve ser temida.

c) A morte não será a última e definitiva palavra sobre a humanidade. Ela foi vencida por Cristo. Ele conheceu e viveu a morte em tudo o que ela tem de ameaçador, de tenebroso, em tudo o que ela representa de angústia, de dor, de desespero, de perdição, de experiência da impotência humana. Mais do que qualquer outro, Cristo, um inocente, conheceu uma morte de solidão total, de sofrimentos corporais indizíveis, de humilhação e de derrota completa. Não lhe foi poupado nada daquilo que a morte representa como aniquilamento da existência humana. Mas Cristo deu à morte sua verdade e seu sentido mais profundo. Passando pela morte, Jesus Cristo mudou-lhe o sentido: a morte, que era o sinal do pecado ou a manifestação da revolta contra Deus, tornou-se a expressão da total entrega ao Pai no amor, dando, desta forma, um novo sentido a toda existência humana.

d) Com Cristo, pela ressurreição, o homem foi libertado da morte e destinado por Deus a uma felicidade a ser alcançada antes e depois da morte. O Reino definitivo já começou com Cristo e os fiéis olham para ele não como uma possibilidade sonhada, mas sim como uma realidade que deve se transmitir a todos os homens que confiam em seu poder.

25. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*. Petrópolis, Vozes, 1973, p. 34-35.

e) Deus fez da morte do homem o mistério do amor de Cristo ao Pai e, ao mesmo tempo, o mistério do amor do Pai a Cristo e, através deste, a todos os homens. A morte humana tornou-se evento de salvação para Cristo e para o mundo. Cristo, portanto, não nega a morte, mas lhe dá seu sentido mais profundo.

f) Não é que a pessoa deixe de sentir sua tragédia real e palpável, que implica num naufrágio real de seu ser. A pessoa se angustia e sofre diante da morte, como o próprio Cristo. Mas, em meio a essa angústia, ele vive a esperança de um mundo novo e uma vida nova. Desse modo, embora não deixem de existir, os sofrimentos e padecimentos do presente adquirem um sentido humano e alentador. A morte passa a ser semente de vida.

g) Para os que vivem sua vida como um mistério de morte e vida em Cristo, a morte torna-se o ponto culminante do apropriar-se da salvação, inaugurada pela fé e pelos sacramentos. A morte não é tanto limite quanto realização, maturação e frutificação. É perder-se a si mesmo, mas encontrar-se com Deus e vida em Deus.

h) A morte, assim vivida e realizada nesta entrega total e confiante, torna-se verdadeiro encontro com a esperança, com a liberdade, estímulo para conquistar as possibilidades do viver, empenho na recriação da obra de Deus.

Assim sendo o homem não é um ser para a morte, mas para a vida. Isto significa afirmar e ao mesmo tempo superar a morte. A vida tem um sentido porque a morte tem um sentido: é uma "páscoa", uma passagem que desemboca na vida sem fim.

É tal convicção que faz os primeiros cristãos, iluminados pela morte e ressurreição de Cristo, declarar na iminência da morte:

> *"Deixai-me ser comida para as feras, pelas quais me é possível encontrar Deus. Sou trigo de Deus e sou moído pelos dentes das feras para encontrar-me como pão puro de Cristo... Fogo e cruz, manadas de feras, quebraduras de ossos, esquartejamentos, trituração do corpo todo, os piores flagelos do diabo venham sobre mim, contanto que encontre a Jesus Cristo"* (Santo Inácio de Antioquia).
>
> *"Chama as feras, pois não mudamos de opinião para deixar o melhor em troca do pior... Tu me ameaças com um fogo que queima um momento mas logo se apaga"* (S. Policarpo).

Confrontados com esta realidade, devemos buscar também nós, em nosso tempo, uma mística para superar o medo da morte, compreendendo-a como parte da vida, tão presente quanto a própria vida, tão certa quanto nascer, tão humana quanto amar, tão divina quanto ressuscitar. A vivência de nos sentirmos sempre diante do horizonte da morte dá às nossas ações um caráter urgente, inquieto, significativo, irrepetível, transcendente, profundamente humano e divino.

Josimar Azevedo
Caixa postal 1438
Belém, PA
66020-170